



III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

PATRIMÔNIO E TURISMO NA FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM PIRENÓPOLIS/GOIÁS

*Kátia Letícia Oliveira da Luz*¹

Universidade Estadual de Goiás

Pirenópolis, Goiás, Brasil

Katialeticia_luz@hotmail.com

*Tamara Teodoro Amorim Alves*²

Universidade Estadual de Goiás

Pirenópolis, Goiás, Brasil

Katialeticia_luz@hotmail.com

Resumo: O incremento da demanda turística em Pirenópolis, nas últimas décadas em virtude dos investimentos públicos e privados, tem resultado num conjunto de transformações percebidas na intensificação do comércio, no aumento do número de lojas de artesanato, bares e restaurantes, na ampliação da rede hoteleira, na melhoria da malha viária, dentre outros, conforme estudo de Batista (2003). O lugar que passa a recepcionar o turista sofre transformações nas formas e nas estruturas de organização, muitas vezes desviando das atividades tradicionais e isso representa alterações na vida das pessoas que vivem e habitam um destino turístico. O objetivo deste trabalho é estudar a Folia do Divino Espírito Santo de Pirenópolis uma das celebrações que compõe a Festa do Divino, registrada como patrimônio imaterial e reconhecida pelo Iphan em 2010. Intenta-se verificar como a sociedade a produz no tempo presente na sua relação com o turismo. Para tanto, propõe-se analisar a dinâmica socioespacial da Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis por meio da pesquisa qualitativa. E, através de um corte transdisciplinar e à luz de múltiplas dimensões, identificar as transformações e persistências nas práticas dos rituais da folia, enfocando sua convivência com o turismo. Com a utilização revisão bibliográfica do patrimônio, do turismo e da folia e a

¹ Acadêmica vinculada a Universidade Estadual de Goiás por meio do Programa de Bolsa de Iniciação Científica PBIC/CNPq pelo projeto: “Patrimônio e Turismo: a Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis/Goiás” – Coordenado pela Profa. Dra. Tereza Caroline Lôbo - e também ao Projeto: “Arte e saberes nas manifestações católicas populares” aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — Fapeg.

² Acadêmica vinculada a Universidade Estadual de Goiás por meio do Programa de Bolsa de Iniciação Científica PBIC/UEG pelo projeto: “Patrimônio e Turismo: a Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis/Goiás” – Coordenado pela Profa. Dra. Tereza Caroline Lôbo - e também ao Projeto: “Arte e saberes nas manifestações católicas populares” aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — Fapeg.

pesquisa de campo será possível refletir sobre a dinâmica desta festividade, bem como analisar os impactos provocados pelo turismo na cultura do lugar.

Palavras-chave: Turismo; Patrimônio; Pirenópolis; Folia do Divino Espírito Santo

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis foi, em 2010, a segunda celebração registrada como patrimônio imaterial reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no Brasil. Esta se constitui de um congraçamento de várias festividades, se caracterizando por um grande envolvimento da população local na organização, nos preparativos e na participação, observados por Silva (2001), em sua pesquisa sobre a Festa do Divino de Pirenópolis. Ainda, segundo esta autora,

a festa tornou-se um espaço múltiplo, em que os diversos tipos de culturas existentes na sociedade puderam ser enfrentados, multiplicados e fundidos por meio das representações simbólicas de cores, eventos e personagens que constituíram esses festejos (SILVA, 2001, p.31).

Realizada desde a segunda década do século XVIII (JAYME, 1971), é a festa “maior” da cidade superando a da padroeira Nossa Senhora do Rosário. Estruturando-se como “as festas dentro da festa” (BRANDÃO, 1974, 1978 e SILVA, 2001) ou um “mosaico de várias festividades” (LÔBO, 2006), a Festa do Divino de Pirenópolis reúne diversas manifestações como procissão, cortejos dos Reinados e Juizados, levantamento de mastros, fogos, novenas, teatros, cavalhadas e as folias.

A comemoração de Pentecostes em Pirenópolis tem, desde a década de 1980, servido como divulgação da cidade como destino turístico, ao ser veiculada na mídia, regional e nacional. As matérias jornalísticas comumente realizadas sobre a festa mostram as manifestações que concentram-se no final de semana do Domingo do Divino, as demais festas que compõem a Festa do Divino são pouco divulgadas e conhecidas pelos visitantes e turistas, assim acontece com as folias.

A Folia do Divino Espírito Santo é, portanto, uma das celebrações que compõe a Festa do Divino em Pirenópolis e atrai um número significativo de participes oriundos de Pirenópolis e de municípios circunvizinhos, não sendo observada a presença de turistas. Na prática acontecem atualmente três Folias do Divino durante as comemorações ao Espírito Santo: duas folias rurais e uma urbana. As folias rurais fazem seu giro – caminho circular percorrido pelos foliões a cavalo - pela zona rural e a folia urbana, girada a pé pelos bairros

periféricos da cidade, cumprindo também uma rota circular. Apesar dos rituais serem recorrentes, cada uma tem suas especificidades, com organizações próprias, são momentos de intensas festividades marcadas por desfiles de cavaleiros montados e animados “pousos” nas fazendas e nas casas de pernoites dos foliões.

A primeira folia da zona rural sai, numa sexta-feira, três semanas antes do domingo de Pentecostes, e é comandada por foliões e devotos ligados à Igreja Católica, é comumente chamada de “Folia do Padre” ou “Folia da Renovação Cristã”. A segunda folia rural é a “Tradicional” ou “Folia do Roque” e a folia urbana “Folia da Cidade” ou “Folia da Rua” saem uma semana depois. Como são nove dias de giro configura-se um final de semana com saídas e chegada de folias.

Toda esta movimentação advinda dos rituais que compõem os giros das folias não é considerada como um atrativo turístico pelos órgãos responsáveis pelo planejamento turístico local e nem pelos empreendimentos ligados ao setor. Todo *marketing* relacionado à Festa do Divino concentra-se no final de semana quando ocorrem as Cavalhadas, encenação das batalhas entre mouros e cristãos na península Ibérica, considerada como o ápice dos festejos em louvor ao Espírito Santo – tendo início no sábado do Divino com tocadas de banda de música na Alvorada e na porta da Igreja da Matriz, desfiles de mascarados e no domingo do Divino – domingo de Pentecostes -, missa, procissão e o primeiro dia de apresentação das Cavalhadas que seguem até a terça-feira, agregando ainda o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito.

No município de Pirenópolis encontram-se ainda outras folias, giradas em outros meses, como a de Santo Reis, realizadas nas fazendas e na área urbana, a de São João, no distrito de Lagolândia, a de Sant’Ana, no povoado da Capela do Rio do Peixe, dentre outras, mas as que têm um maior público participante é sem dúvida as Folias do Divino. Em Goiás um estado que tem a agropecuária como atividade mais explorada, a vida rural está na constituição das identidades locais e por isso as folias têm uma representatividade reconhecida e se fazem presentes em diversos municípios goianos. Cidades como Goiânia e Anápolis, maiores centro urbanos do estado, mesmo com a intensa modernização na última década, têm variadas manifestações de folia estudadas por Pessoa (1993 e 2001) e Coelho (2011) não sendo uma festividade restrita apenas às pequenas localidades. Assim, estes rituais de peditório de esmolas para realização de festejos são manifestações da cultura popular presentes em várias localidades do Brasil (CASCUDO, 1972).

Ao chegar ao Brasil as folias foram traduzidas em diferentes linguagens se adequando a cada realidade, daí a grande variedade e especificidade de cada uma destas manifestações da

religiosidade popular. Esta singularidade tem propiciado uma gama de estudo sobre as folias buscando seu passado e sua interpretação no presente. Os estudos apresentam estas práticas aliadas a sua tradição, como manifestação folclórica ou religiosa. No presente trabalho, no entanto, pretende-se partir destes estudos já existentes, mas buscar compreender as folias que ocorrem em Pirenópolis como patrimônio no viés do turismo cultural focando sua dinâmica na atualidade e sua convivência com o turismo.

Turismo e Folias

O turismo em Pirenópolis entra em cena na década de 1980, quando simultaneamente a cidade começa o processo de alteração surgindo bairros que ultrapassam o perímetro urbano cristalizado por mais de um século. E, com uma concentração urbana crescente que, de uma taxa de 15,47% da população pirenopolina vivendo na zona urbana em 1970 foi para 22,60% em 1980, alcançou o final dos anos de 1990 com mais da metade da população vivendo na cidade (57,80%), processo que vem se intensificando (LÔBO, 2006).

A população urbana residente, de 4.959 habitantes em 1970, atingiu 12.475 em 2000/2001 (IBGE, 1980, 2000 e 2001) e 15.563 em 2010 (IBGE, 2010), constituindo-se, no momento, não só de pirenopolinos vindos da zona rural, bem como de migrantes de variadas localidades. Aliás, a população da cidade aumenta nos finais de semana, feriados e períodos de festas tradicionais graças aos moradores temporários proprietários de casas em Pirenópolis e o fluxo de turistas. Do ponto de vista da dinâmica da organização do espaço geográfico da área urbana, Siqueira (2004) comenta alguns exemplos sucedidos em Pirenópolis nos últimos anos: o aumento da população urbana e a diminuição da rural, a valorização econômica dos imóveis do centro histórico da cidade transformado em área comercial e turística, movimentação de transformação periférica com o surgimento e alteração da dinâmica dos bairros afastados do centro e o movimento privativo do espaço com o surgimento de condomínios fechados.

O momento promoveu novas formas de ocupação do espaço e desenvolveu maneiras diferentes de ser e de viver no novo espaço criado. Outras relações sociais surgiram num ambiente de modernidade. As transformações ocorridas converteram bens culturais materiais e não materiais em mercadoria, o que colocou a cidade nas dimensões da reprodução do capital. Pirenópolis é alvo de pesados investimentos governamentais de instância estadual e federal, mas o poder municipal pouco tem feito em termos de planejamento e investimento. A

iniciativa privada também exerce papel notável na alteração da estrutura urbana, com investimentos na área de hotelaria e alimentação.

Analizando o momento vivido pela cidade pode-se exemplificar, no caso de Pirenópolis, a Rua do Rosário cujas alterações das casas de moradia - que até três anos atrás era ponto de reunião de uma das folias para marcar sua saída – foram transformadas em lojas, pousadas, restaurantes, bares com mesas e cadeiras espalhadas pela rua e calçadas transmudando sua função de abrigo familiar e de rota de passagem dos cavaleiros das folias. Ou ainda, a mudança da população rural para área urbana alterou o fluxo das folias que no passado perfazia um movimento do rural para o urbano e hoje – com a população se concentrando na cidade e a maioria dos foliões também - as folias levam o urbano para o rural. E neste percurso o turismo se faz presente compondo as alterações da materialidade espacial e, no campo da subjetividade as alterações das ideias, dos valores, dos símbolos que constituem as formas de vida no lugar.

Trata-se, portanto, de assumir teoricamente as folias como “fatos sociais totais” (MAUSS, 2003) na medida em que envolvem aspectos da culinária, da música, da religiosidade, da espacialidade, da política, do turismo etc., e este último também como assinala Barreto (2003) fenômeno social interligado a outras dimensões da vida humana, como o modo de ser no mundo das populações que coabitam uma localidade.

Ao registrar as manifestações das Folias do Divino focando suas práticas e representações, fazendo um acompanhamento para verificar suas permanências e suas transformações resultantes da convivência com o turismo entende-se a importância do uso da categoria patrimônio ou ainda, “patrimônio intangível” como assevera Gonçalves que indaga ser

possível preservar uma “graça” recebida? É possível tombar os “sete dons do Espírito Santo”? Certamente não. Mas é possível sim, preservar, por meio de registros e acompanhamentos, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários etc. É nessa direção que caminha a noção recente de “patrimônio intangível”, nos recentes discursos brasileiros acerca do patrimônio (2003 p. 27).

A folia na sua dinâmica é um patrimônio cultural pertencente a sociedade pirenopolina que também está em constante transformação, e para compreender sua realidade é necessário observá-la como produto da sociedade que a gestou ao mesmo tempo que tem que decifrar as interrelações dos elementos que a compõe. Ao descrever as manifestações festivas destas folias realizadas em comemoração ao Divino Espírito Santo como integrante vital da cultura de Pirenópolis e dentro desta visão olhar suas interfaces com turismo – vetor principal das

alterações do lugar nas últimas duas décadas espera-se conhecer mais sobre a manifestação da cultura local, sobre o turismo, bem como sobre a convivência dos mesmos no tempo presente.

E Assim as Folias Giram

As folias do Divino Espírito Santo são comemoradas no município de Pirenópolis há muitas décadas. Das três citadas neste trabalho a mais antiga e que reúne o maior número de foliões é a folia Tradicional, conhecida no passado por folia do “Mateus Machado” em alusão a umas das regiões rurais do município em que esta folia acontecia. Segundo relato dos foliões mais antigos esta folia faz seu giro a pelo menos 150 anos, envolvendo famílias que a quatro gerações atuam na sua organização.

No festejo ao Divino, as folias englobam tanto a parte religiosa, com destaque para a fé e a devoção demonstradas pelos foliões e partícipes, quanto a profana, que atrai pessoas interessadas nas comidas e bebidas distribuídas e nos bailes que acontecem depois de cumprida a parte religiosa dos rituais.

Porém, antes da chegada dos pousos de folia propriamente dito realizados quarenta dias após o Domingo da Ressurreição, há a preparação do evento, o que pode-se chamar de pré-folia. Neste momento os grupos se encontram para definir onde serão realizados os pousos, para traçar o caminho percorrido pelo giro respeitando a circularidade do percurso, determinar as funções ocupadas por cada folião e seus pequenos grupos, enfim se organizar para que a tradição seja cumprida e tudo aconteça conforme o esperado.

Observa-se em cada uma das três folias a presença e atuação dos alferes, responsáveis diretos pela organização dos rituais, dos regentes, que auxiliam os alferes e dos músicos que coordenam os cânticos de chegada e saída da folia, nos altares e os agradecimentos da comida. A hierarquia é respeitada pelos demais foliões que entendem que estes cargos são imprescindíveis para a realização dos rituais que estruturam a festa da folia. Mas, há singularidade entre as mesmas a começar pela saída e chegada em dias diferentes como já relatado acima. Esta diferenciação faz com que estas festividades ocupem um espaço de quinze dias consecutivos de pousos e giros pela zona rural e urbana do município de Pirenópolis.

Neste período de preparação o envolvimento dos foliões é intenso. São selecionados os cavalos capazes de perfazerem o longo percurso e suportarem os dias de pousos, as vestimentas são preparadas para o momento – são chapéus, camisas xadrez, botas, lenços, cintos com largas fivelas, etc. – carros são abastecidos com provisões para o enfrentamento da

jornada. O folião tradicional, gira os nove dias, indo de fazenda em fazenda, de casa em casa, seguindo sua fé e paixão pelo Divino. A tradição é passada de pais para filhos, os quais desde crianças veem suas mães arrumando roupas, seus pais preparando e montando seus cavalos e caminhões.

As casas e fazendas que receberão os pousos e a passagem da folia iniciam sua preparação com antecedência, os espaços de moradia são intensamente alterados. Altares são detalhadamente montados para receber as bandeiras, quintais são enfeitados com bandeirolas coloridas e/ou da cor do Divino – brancas e vermelhas – os espaços de realização dos pousos são alterados para acolher os foliões e seus cavalos e os visitantes, deste modo, as cozinhas são adaptadas para a feitura de grandes quantidades de comidas, pastos são abertos para estacionamento de carros, áreas de acampamentos são criadas, para citar alguns exemplos de preparação do espaço para a realização dos pousos de folias.

O giro da Folia da Cidade é realizado a pé e durante o dia, após a realização dos ritos, os foliões não pernoitam no local cada um vai para sua casa e retornam de madrugada para realizar a alvorada. As folias, Tradicional e da Renovação Cristã realizam seus giros na zona rural, montados a cavalo, o percurso também é realizado durante o dia e ao chegarem ao local do pouso montam seus acampamentos onde passam a noite. Estes acampamentos de folia são montados quando os foliões chegam ao local do pouso e desmontados quando a folia segue seu percurso, ou seja, são nove dias de acampamento em diferentes localidades. A infraestrutura é bem precária já que os locais para a montagem das barracas são os pastos das fazendas. Os espaços em sua maioria não possuem sanitários e os córregos que cortam a fazenda se tornam locais para banho e lavagem de roupas. As casas da cidade que recebem os pousos da Folia da Rua também não tem infraestrutura, na maioria das vezes são habitações simples e pequenas o que obriga os foliões e visitantes a ocuparem as ruas no entorno da festa.

O público e foliões das folias também se diferenciam. A Folia do Padre, realizada por iniciativa da Igreja local, tem um número reduzido de foliões e estes são ainda adolescentes conduzidos por alguns poucos foliões mais velhos, no momento dos pousos em que acontecem as missas e a distribuição do jantar, o público é composto por todas as faixas etárias já que é perceptível a presença de famílias inteiras. A Folia da Cidade também tem número reduzido de foliões, mas ao contrário da primeira, estes são mais velhos e a participação de jovens nos pousos é reduzida. Já na Folia Tradicional o público é em sua maioria jovem que busca diversão e não a religiosidade, e esta tem como característica atrair os conhecidos “foliões de atalho” que comparecem nos pousos em grande número – recebem este nome pelo fato de não

girar a folia e comparecerem no pouso somente à noite no momento do baile, vão e voltam no mesmo dia e não pernoitam no local.

As transformações acorridas nas folias são muitas demonstrando seu dinamismo e capacidade de adequar-se à modernidade. As comidas sofreram alterações, não são mais os excedentes produzidos nas mediações dos poucos, mas doações feitas pelos devotos, político e comerciantes. É comum a presença dos frangos de granja, salsichas, arroz e feijão oriundos dos mercados locais. Os refrigerantes, cervejas, cachorro-quente e churrasquinhos são vendidos por ambulantes que acompanham os poucos abastecendo o público participante e veem nestes momentos um negócio lucrativo para completar o orçamento.

Embora todos os poucos ofereçam refeições, muitos foliões preferem fazê-las em seus acampamentos. Cabe ressaltar que isso ocorre somente na Folia Tradicional, na Folia do Padre e na Folia da Cidade os foliões comem o que é oferecido pelas pessoas que organizam o pouso. Quanto às bebidas o uso é exagerado durante as festividades, somente na Folia do Padre são totalmente proibidas e seu uso é uma transgressão.

Os rituais são compostos pela saída, pelo giro e a chegada. São momentos envoltos de tradição, devoção e festa. O “junta”, como é conhecida a reunião dos foliões para a saída, é uma celebração animada com cantorias, rezas e um farto almoço. O giro se inicia na residência onde acontece o junta - na folia do Padre o junta acontece na igreja e os foliões recebem as bênçãos do pároco. O grupo de foliões, a pé ou a cavalo, guiados pelos alferes trazem à frente as bandeiras que representam o Divino, saem pelas ruas em direção ao local do primeiro pouso.

Na frente percorrendo o giro da lua, a bandeira, guia estrelada, calcula o caminho dos anos. Ela é a fé que se pega com os dedos. Na estampa [...] uma pomba branca serpenteando os ares vermelhos do infinito, as fitas laminadas, e as flores de papel crepom que exalam narrativas (PERES, 2010, p.27).

No percurso de uma casa ou fazenda a outra onde acontece o pouso as bandeiras vão abençoando os devotos que se emocionam com sua passagem e entregam para o grupo donativos para ajudar nos festejos ao Divino ou serem entregues para a Igreja conforme ocorre na Folia do Padre. São doados mantimentos para preparação das comidas, animais como porcos, frangos e vacas, dinheiro, dentre outros, que variam de acordo com a fé e as posses dos visitados. Durante o caminho nunca uma bandeira pode cruzar com a outra, por isso a bandeira da direita visita as casas da direita e a outra as da esquerda. Estas são levadas dentro das casas pelos moradores que entendem que a residência é abençoada com sua

passagem, é comum ainda pendurar nas bandeiras fotos de pessoas que buscam ou agradecem as graças recebidas.

O giro pernoita na casa que oferece o pouso. Esta é preparada para receber os foliões e os visitantes. Um arco de folhas enfeitado com flores é preparado na entrada da casa, no centro avista-se uma xícara que representa um presente guardado pelos proprietários – normalmente uma garrafa de pinga ou refrigerante enterrada e que deve ser encontrada para que as bandeiras possam entrar. Na chegada à fazenda ou casa os foliões fazem uma evolução formando um “s” e param diante do arco. Neste momento entram em cena os músicos que cantam versos rimados louvando o Divino e citando o que veem no arco até que o presente seja encontrado. As bandeiras são entregues aos donos da casa que as conduzem até o altar preparado e enfeitado para a festa, aí acontecem mais cantorias.

Os rituais têm sequência na dança do Chá, cantada e dançada pelos foliões, seguindo para a distribuição de comida, o agradecimento da mesa – momento em que os foliões circundam a mesa e agradecem pelo alimento - e o peditório de esmolas. O espaço, já tomado pelos foliões de atalho se transforma em animado baile que dura toda madrugada e termina no início da manhã com a alvorada realizada pelos músicos e foliões. Servido o café da manhã e o almoço os foliões retomam o giro e parte em direção ao local do próximo pouso.

Perceber-se que a maioria dos visitantes é de regiões próximas de Pirenópolis como Jaraguá, Cocalzinho e Corumbá. São utilizados transportes especiais para condução destes visitantes, são ônibus e micro-ônibus que chegam lotados para a festa. Estes não foram considerados como turista, mas visitantes que residem próximos à localidade, muitas vezes são parentes dos organizadores dos pousos e/ou conhecedores das tradições das folias.

A chegada das folias é marcada por emoção e pela presença de um grande público. As bandeiras e os donativos recolhidos durante o giro são entregues para o imperador do Divino, no caso da Folia Tradicional e da Folia da Cidade, e para o pároco na Folia do Padre. Os rituais das folias envolvem, portanto, o período de preparação, de festejo propriamente dito e de encerramento. Envolve ainda uma rede de pessoas que dividem tarefas e realizam a festa que se repete ano após ano.

A Folia Como um Atrativo Turístico

“O lugar turístico é, principalmente, espaço da alteridade do Eu e do Outro posto face à natureza e à cultura” (ALMEIDA, 2003, p. 13). Essa visão cosmológica implica no conhecimento dos saberes e dos fazeres de uma comunidade que tem o turismo como um dos

setores da organização social, mas que ao mesmo tempo é determinante da sua condição de existência, pois, permeia o seu dia-a-dia. Do ponto de vista das ciências sociais, os teóricos concordam em um aspecto, segundo Banducci Júnior ao buscar uma visão antropológica do turismo na sua relação com a cultura afirma que

o turismo é um fenômeno extremamente complexo, mutável, que opera de múltiplas formas e nas mais diversas circunstâncias, sendo difícil apreendê-lo, em sua totalidade, por meio de uma única perspectiva teórica ou mesmo de uma única ciência (2001, p.23).

Através de uma análise sistêmica do turismo (KRIPPENDORF, 1989, BENI, 2002, PEARCE, 2003) que considera que fatos não são isolados, estes são analisados em sua simultaneidade e conectividade, em termos da relação com outros fenômenos. O debate em torno do uso social do turismo e do patrimônio ao mesmo tempo em que forneçam subsídios para um aprofundamento epistemológico do turismo por meio da valorização e caracterização dos diversos elementos que conferem identidade à oferta turística do município com o menor impacto possível para população receptora e propiciem o desenvolvimento sustentável do turismo na cidade de Pirenópolis.

As manifestações culturais das folias do Divino em Pirenópolis não são entendidas pelo poder público local e pela iniciativa privada como um atrativo turístico; não há até o momento ações voltadas para integrar os rituais das folias no roteiro turístico cultural da cidade, ou seja, não há infraestrutura para recepcionar os turistas nos rituais que compõem as folias e nem divulgação para levar os turistas aos locais dos pousos. Não é comum a presença de turista nas folias estudadas.

Pro outro lado, os moradores locais que participam das festividades estão direta ou indiretamente envolvidos pelas atividades turísticas, configurando um período de conflitos entre as atividades, ou seja, é a vontade de festejar em contraposição à necessidade de trabalhar.

Trazer as festas populares para o centro das discussões sobre turismo permitem conhecer o turismo um pouco mais a fundo, avaliando seus reflexos na comunidade receptora, o que fornece subsídios para uma compreensão dos custos sociais e culturais da atividade turística. Analisando os impactos do turismo na comunidade receptora Beni escreve que

o certo é analisar e conhecer os efeitos do turismo, tanto negativos como positivos, para minimizar seus custos sociais e maximizar seus benefícios econômicos sem perder o foco de que todo processo de crescimento das atividades turísticas nos países ou regiões em desenvolvimento é acompanhado de mudanças no cenário sociocultural (2006, p. 44-45).

O município de Pirenópolis vem desde a década de 1980 vivenciando a atividade turística, isso tem contribuído significativamente com as transformações ocorridas na localidade. A cidade surgida durante o período da mineração tem como oferta turística seu patrimônio histórico, cultural, arquitetônico e natural que necessita de um conjunto de infraestrutura que subsidiem o uso turístico e potencializem o desenvolvimento dessa atividade (GODINHO e OLIVEIRA, 2010). Além disso, as novas formas de ver o mundo inauguradas pela pós-modernidade ampliam o desafio de entender uma atividade tão complexa quanto o turismo, e, um destes problemas é o respeito às identidades e aos aspectos culturais tanto dos turistas quanto das comunidades residentes (LOHMANN e PANOSO NETTO, 2008, p. 146).

E para tanto é imprescindível a adoção de políticas pautadas num planejamento sustentável da atividade que leve em conta as atividades que fazem parte do cotidiano do lugar. Assim, entende-se que o conhecimento dos impactos provocados pelo turismo na cultura local é um instrumento vital para essas políticas no sentido de racionalizar a atividade.

A análise da dinâmica socioespacial e cultural da Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, enfocando sua convivência com o turismo buscou demonstrar a interdependência entre o modo de ser de quem visita e de quem é visitado. A reflexão sobre as festas e sua relação com o turismo, entendidas como lugares de interações elaborando uma trama urdida no tempo atual (2013 e 2014) e espaço definido – as Folias do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, coloca a questão da criação de novas relações no tempo presente e que estão intrinsecamente ligadas às relações mais amplas.

O patrimônio imaterial compõe as identidades locais e é tão dinâmico quanto a sociedade que o produz. Tem sido atualmente um recurso cada vez mais visto como uma possibilidade de transformar-se em atrativos turísticos sendo incorporados ao mercado de venda de pacotes e de roteiros. Gerando, com isso benefícios materiais que produzem ou não alterações tanto nos aspectos materiais do espaço quanto na ideias, valores e símbolos, bem como, nos seus usos e funções que podem provocar a perda de sentido para aqueles que vivenciam com parte integrante da sua cultural.

Ao contrapor festas tradicionais e turismo buscou trazer para o debate acadêmico os conflitos postados pela contemporaneidade tais como, o tradicional e o novo, local e o global, o erudito e o popular etc. A inegável complexidade da discussão sobre cultura não permitem uma síntese, mas a ampliação da rede de discussão que permitirá uma melhor compreensão da realidade que cerca esta localidade.

Referências

- ALMEIDA, Maria Geralda. Lugares turísticos e a falácia do intercâmbio cultural. In: ALMEIDA, Maria Geralda (org). Paradigmas do turismo. Goiânia: Alternativa, 2003.
- BANDUCCI JR, Álvaro. Turismo e antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETTTO, Margarita (org.). Turismo e identidade local: uma visão antropológica. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- BARRETTTO, Margarita; BURGOS, Raúl; FRENKEL, David. Turismo, políticas públicas e relações internacionais. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- BATISTA, Ondimar. Visões de Pirenópolis: o lugar e os moradores face ao turismo. Goiânia, UFG/IESA, 2003, 131p. Dissertação. (Mestrado em Geografia)
- BENI, Mário Carlos. Política e planejamento de turismo no Brasil. São Paulo: Aleph, 2006.
- _____. Análise estrutural do turismo. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia, UFG, 2004, 412p.
- _____. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978, 163p.
- _____. Cavalhadas de Pirenópolis. Goiânia, Oriente, 1974. 208p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro. Ed. Tecnoprint S.A., 1972, 930p.
- COELHO, Tito Oliveira. Interpretando interação espacial: fixos e fluxos, peregrinação, migração e ritual na folia de reis. In: Textos escolhidos de cultura e arte populares. Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 179-192, mai. 2011.
- GODINHO, Rangel Gomes; OLIVEIRA, Ivanilton José. Análise e avaliação da distribuição geográfica da infraestrutura turística no sítio histórico de Pirenópolis (GO): subsídios ao planejamento turístico. In: Boletim Goiano de Geografia. Goiânia. V.30, n.1, p. 107-122, jan/jun 2010.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (Orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 320p.
- IBGE, Censo de 2010 www.ibge.gov.br acesso 10/03/2013.
- IBGE, Censo de 2001 www.ibge.gov.br acesso 10/03/2013.

_____. Goiás - Censo Demográfico: dados distritais. In: IX Recenseamento Geral do Brasil – 1980. Rio de Janeiro, nº. 23, 1982, p. 42

_____. Goiás - Censo Demográfico: dados distritais. In: IX Recenseamento Geral do Brasil – 2000. Rio de Janeiro, 2000, p. 234.

JAYME, Jarbas. Esboço Histórico de Pirenópolis. Goiânia, UFG, 1971, 2 vol. 626p.

KRIPPENDORF, Jost, Sociologia do Turismo. Trad. Contexto Traduções Ltda, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S/A, 1989.

LÔBO, Tereza Caroline. A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis. Goiânia, IESA/UFG. 2006. (Dissertação de Mestrado)

LOHMANN, Guilherme e PANOSO NETTO, Alexandre. Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003. 536p.

PEARCE, Douglas G. Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado e viagens. São Paulo: Aleph, 2003.

PERES, Eraldo. FÉsta brasileira: folias, romarias e congadas. São Paulo: Senac editora. 2010.

PESSOA, J. M. Meu senhor dono da casa: os 50 anos da Folia de Reis. Goiânia: O Popular, 1993.

_____. Dos rezadores do sertão aos errantes. Nova Era: cenários de pesquisa em religião no Brasil Central, v. 11, n. 3, p. 337-487, maio/jun. Goiânia: Fragmentos de Cultura, 2001.

SILVA, Mônica Martins da. A festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia, AGEPEL, 2001, 229p.

SIQUEIRA, Josafá Carlos. Pirenópolis: identidade territorial e biodiversidade. Rio de Janeiro: Loyola, 2004.